



3 e 4 de dezembro

# III Encontro

de Educação, Direitos Humanos,  
Gênero e Sexualidade

## **POTENCIALIDADES E DESAFIOS DA ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA E FEMINISMO DECOLONIAL NO QUILOMBO IPIRANGA-PB**

Gislaine da Nóbrega Chaves

Mônica da Mota Fonseca

Jailson Batista dos Santos.

### **INTRODUÇÃO**

O Quilombo Ipiranga onde a pesquisa ocorreu se localiza no Brasil, no litoral sul da Paraíba, em Conde, na região metropolitana de João Pessoa, que abriga uma diversidade étnico-racial e modos de vida alternativos. Essas comunidades tiveram sua história centrada na expropriação territorial, tornando-as econômica e socialmente vulneráveis, já que dependem da terra para a sua sobrevivência.

A inexistência de uma política pública específica que sustentasse a produção e comercialização das biojoias produzidas pelas mulheres quilombolas impactou o Grupo; as Biojoias Duá integravam dez mulheres e, após a pandemia, o Grupo foi reduzido a duas delas. A produção de biojoias, azeite de batiputá e buchas vegetais possibilitou uma convivência no território que antecedeu a pesquisa e abriu caminho para compreendê-las mais de perto. Essa vivência não é parte da investigação em si, mas foi decisiva para revelar tensões, resistências e limitações materiais que antes apareciam apenas de forma fragmentada no cotidiano da comunidade.

Nesse contexto, a pesquisa se propõe a responder a seguinte pergunta: de que forma a economia popular solidária e o feminismo decolonial dialoga com as práticas econômicas das mulheres quilombolas, considerando a realidade concreta do Quilombo Ipiranga?

### **TECENDO OS FIOS DA PESQUISA COM A EXTENSÃO**

O estudo de caso possibilitou analisar as experiências da organização socioprodutiva, uma vez que a pesquisa ocorreu em um único quilombo. Segundo Gil (2008), esse tipo de

estudo envolve a delimitação de um objeto definido e analisável. Realizou-se uma entrevista semiestruturada com uma das artesãs do grupo. Ademais, a permanência em campo e as interações cotidianas com as mulheres permitiram registrar práticas e experiências das duas artesãs que permaneceram na atividade após a pandemia.

As inspirações metodológicas derivam da pesquisa qualitativa (Deslandes et al., 2002; Gil, 2008), que permite maior interação entre pesquisador/a e participantes, registrando concepções, emoções e significados emergentes da imersão em campo. Essa imersão, próxima ao exercício antropológico, favoreceu a construção das interpretações, fundamentadas na análise de conteúdo inspirada em Bardin (1979), utilizada para organizar os dados da entrevista em eixos temáticos. A vivência no território orientou o uso das técnicas qualitativas mencionadas, que foram aplicadas de modo situado e dialogado. Nesse sentido, a pesquisa priorizou os saberes comunitários e adotou um olhar decolonial voltado para a experiência, a escuta e os significados do cotidiano.

## **FEMINISMOS PLURAIS: POR UMA POLIFONIA DE VOZES**

A pesquisa está fundamentada em Maria Lugones (2008), Lélia Gonzalez (1988) e Julieta Paredes Carvajal (2020), portanto em uma abordagem decolonial. A colonialidade do poder, expressa no epistemicídio dos saberes e práticas dos povos originários e tradicionais, constitui um nó à Economia Popular Solidária, uma vez que, na América Latina, suas formas de organização e existência foram impactadas pela modernidade.

O sistema moderno-colonial de gênero proposto por Lugones (2008), fundamentado no conceito de colonialidade, analisa como as relações impostas pelo projeto de colonização eurocêntrica foram assimiladas e amplamente reproduzidas. A autora aprofunda aspectos que Quijano (2005) não desenvolve suficientemente, sobretudo ao problematizar a categoria genérica “mulher” em sua análise da racialização do poder no contexto da modernidade capitalista nas Américas. Lugones (2008) apresenta a colonialidade de gênero de forma interseccional, articulando gênero, raça, classe e sexualidade para explicar como sociedades africanas ginocêntricas sofreram transformações profundas em suas estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais sob a imposição colonial.

Gonzalez (1988, p. 76-77), ao criticar o imperialismo estadunidense, traz à tona a categoria de amefricanidade, resultado de uma consciência dos/as descendentes de africanos para se autodesignarem, afirmando a democracia das implicações políticas, culturais e identitárias do termo que transcende limites territoriais, linguístico e ideológicos das Américas: “[...] a categoria de *Amefricanidade* incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica

cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) que é afrocentrada”. As expressões performáticas quilombolas reafirmam a identidade amefricana, sustentada pelo trabalho e pela ancestralidade, e revelam práticas de resistência, cuidado e partilha entre as mulheres.

Destarte, inspirada na concepção de vida comunitária de Carvajal (2020, p. 197), compreendida como “[...] princípio inclusivo que cuida da vida”, cuja leitura do feminismo está assentada em sua realidade concreta: “Não queremos nos pensar como mulheres perante os homens, mas nos pensar como mulheres e homens em relação a uma comunidade”, percebe-se a construção de um feminismo a partir de uma narrativa das mulheres, o que modifica a ordem do poder capitalista moderno já que decoloniza a exploração, ao reivindicarem uma complementaridade horizontal e sem hierarquias, desmistificando, pois, as condições históricas de opressão às mulheres e a exploração do território.

## POTENCIALIDADES E DESAFIOS DA ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA

As principais ações da Economia Popular Solidária, Feminista e Quilombola identificadas foram a confecção e comercialização das biojoias. Essas práticas são organizadas de forma coletiva. Porém, após a pandemia de Covid 19, o número de mulheres foi significativamente diminuído, uma vez que elas tiveram que buscar outras ocupações para garantir a sua subsistência. O quadro a seguir resume os principais aspectos do processo produtivo e comercialização das biojoias.

Quadro I – Resultados da pesquisa: organização do processo de trabalho

Categoria do processo de trabalho.	Dados da entrevista.	Elementos identificados.
Forças produtivas (meios de produção: matérias-primas, maquinário, etc.)	“A gente utiliza o Piripiri, que é uma semente bem miudinha que é preta e branca a bananeirinha a semente do batiputá, [...] Hoje a gente não tem uma máquina específica...”	Sementes diversas, sacolas plásticas e contas de plástico (doadas por ONG feminista), sem maquinário (para furo de sementes e para molde de peças em madeira ou madeirite).
Conhecimentos (métodos e técnicas de produção, divulgação e comercialização)	“...eu vi como os colares que era coisa mais linda meu Deus do céu como será que elas fazem esses colares e olhando namorando na minha cabeça e quando eu cheguei aqui eu disse eu vou ver como é que eu faço e comecei a fazer”.	Empilhamento de contas com maior e menor complexidade, tingimento de sacolas plásticas com chá de cebola, precificação e divulgação em redes sociais.
Gestão da força de trabalho e do conhecimento	“[...] já tentei de várias formas conseguir mais pessoas né, ensinar para que ela se interessar, mas é muito difícil. [...] depois elas desistiram porque queriam um	Com mais potencial, quando contava com 10 mulheres antes da pandemia e com menos potencial, quando o grupo foi reduzido a duas mulheres, após a

	retorno imediato e a comercialização das biojoias não funciona dessa forma.”	pandemia. Verificou-se que existe a ministração de oficinas de produção de biojoias em outros espaços.
Princípios éticos e axiológicos	“Eu digo, vamos produzir? E a gente senta e produz e produz muito [...] a gente tem esse cuidado né não só chegar na mata e tirar aquela semente [...] a gente já tem essa preocupação de replantar.”	A economia popular solidária, a economia feminista e a economia quilombola compartilham princípios de solidariedade, autogestão, cooperação e valorização da economia local.

**Fonte:** elaborado pela autora (2025).

A despeito das dificuldades para adquirir maquinário e garantir um espaço adequado para a produção das biojoias, duas das mulheres mantiveram a atividade, praticando autogestão, cooperação e valorização da economia local e da ancestralidade, compartilhando tanto os ganhos quanto as limitações. Isso evidencia a existência de potencialidades econômicas frequentemente invisibilizadas pela lógica do capital e, sobretudo, pela desvalorização do trabalho das mulheres e do seu bem viver.

Com sementes do território, sacolas e contas plásticas, as mulheres produzem, precificam, divulgam e comercializam biojoias, apropriando-se dos princípios da economia popular solidária, feminista e de uma economia quilombola baseada no conhecimento ancestral que fortalece sua identidade amefricana. Para dominar a produção, enfrentaram desafios como aprender técnicas de montagem, tingimento com chá de cebola, precificação e estratégias de divulgação intergeracional nas redes sociais. Na experiência das mulheres quilombolas, as práticas educativas da produção associada em economia popular se fundamentam na solidariedade, na autogestão, na sustentabilidade ambiental, no associativismo e na valorização da economia comunitária. A economia Feminista e Quilombola praticada segue com a valorização do trabalho produtivo/reprodutivo, os cuidados, a atuação entre mulheres e protagonismo feminino. Assim, essa economia é guiada ainda pelo apoio intergeracional e comunitário, estabelecendo ainda conexões com redes feministas locais e globais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A contribuição desta pesquisa sugere que a Economia Popular Solidária e os Feminismos hegemônicos devem ser repensados a partir das epistemologias que emergem das próprias práticas comunitárias. Compreende-se que a economia praticada pelas mulheres quilombolas deve ser mais reconhecida e valorizada para que uma democracia substantiva possa ser alcançada. A análise decolonial revela que a economia das mulheres quilombolas

busca pelo bem viver, por meio de seus princípios de solidariedade, autogestão e cuidados com as pessoas e o território.

Existem desafios ao processo produtivo para que o protagonismo das mulheres quilombolas do campo possa se consolidar, a exemplo de um espaço adequado para a produção de biojoias, de aquisição de novos materiais e maquinário, indicando que o fortalecimento dessa economia popular implica na adoção de uma política pública específica às mulheres quilombolas para manter viva a dimensão comunitária e autogestionária que sustenta essa forma de viver e resistir.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

CARVAJAL, J. P. Uma ruptura epistemológica com o feminismo ocidental. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org). **Pensamento Feminista Hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p.194-205.

DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu; MINAYO, MariaCecília de Souza (Orgs.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21<sup>a</sup> ed. Riode Janeiro: Vozes, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONZALEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. *In*: **Rev. TB**. Rio de Janeiro, 92/93; 69/82, jan.-jun., 1988.

LUGONES, M. Colonialidade e gênero. *In*: **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 1-22, 2008.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo. (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires, Argentina: **CLACSO**, 2005. P, 117-142. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/enrol/index.php?id=47430>. Acesso em: 20 out. 2025.